

O CABELO DO CORPO E O CORPO DO CABELO: NOTAS SOBRE AS ESCRITAS NEGRAS DE NILMA LINO GOMES

AMANDA MEDEIROS OLIVEIRA¹;
FLÁVIA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas – littejoy@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi apresentado para conclusão da disciplina de Teoria Antropológica IV, do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas e, busca apresentar as contribuições teóricas de Nilma Lino Gomes para A Antropologia no Brasil. Nesse sentido, atento para a compreensão dos conceitos de *corpo negro* e de *cabelo crespo*, apresentados pela autora em artigos publicados sobre a construção da identidade negra.

Nilma Nilo Gomes é a primeira mulher negra a assumir a reitoria de uma universidade brasileira, em 2013 na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atualmente é Ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil. Nilma é Pedagoga pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Educação também pela Universidade Federal de Minas Gerais doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Entre 2004 e 2006, foi presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Suas produções têm como tema Antropologia (com ênfase em antropologia urbana), Educação, Gênero no campo de relações étnico-raciais.

O campo das relações étnico-raciais é um campo extenso e a discussão trazida por Nilma Lino Gomes se faz mais que necessária, pois é na infância que se dá o primeiro atravessamento negativo da construção da identidade negra, com a entrada da criança na escola.

2. METODOLOGIA

O trabalho está organizado considerando duas categorias e a forma como elas são abordadas em três publicações da autora *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra; Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? ; Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Todos os artigos foram publicados entre os anos de 2002 e 2003.

O primeiro artigo tem como objeto uma pesquisa etnográfica realizada pela autora em quatro salões étnicos da cidade de Belo Horizonte. São sujeitos da pesquisa cabeleireiros, cabeleireiras e clientes desses salões, dos quais 27 são mulheres e 11 são homens, em faixas etárias entre 20 a 60 anos.

A autora procura compreender a significação social de corpo e cabelo e os sentidos a eles atribuídos, por essas mulheres e homens negros, de forma particular, mas não isolada, pois é só no contexto das relações raciais brasileiras que se pode compreender esses sentidos negativos atribuídos, além de perceber as estratégias de reversão que se realizam.

No segundo artigo também se fazem presentes as representações sobre o corpo negro e o cabelo crespo, mas a partir de uma articulação entre processos educativos escolares e não escolares e a construção da identidade negra. E, no terceiro artigo, aborda como o ambiente escolar contribuiu para uma lembrança negativa acerca dessas representações, além de como a construção da identidade negra é feita de maneira tensa no ambiente escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A autora referencia corpo e cabelo como uma dupla indispensável na construção da identidade negra. Indica que o corpo negro e o cabelo crespo ultrapassam o sentido biológico, conectam as pessoas negras aos universos sociais, culturais, políticos e ideológicos. E, nesse sentido, corpo e cabelo devem ser pensados na ordem da cultura. Nos depoimentos, da pesquisa que a autora realizou nos salões étnicos a figura do cabelo crespo e do seu tratamento é relacionada diretamente com a ideia de “lida”, a autora adiciona um marcador racial para essa ideia:

Para o negro, a idéia de labuta, sofrimento e fadiga faz parte de uma história ancestral. Remete à exploração e à escravidão. Assim, a expressão “lida”, numa perspectiva racial, incorpora a idéia de trabalho forçado e coisificação do escravo e da escrava. Lembra, também, as estratégias do regime escravista na tentativa de anular a cultura do povo negro. (GOMES, 2003, p.7)

Isso implica nos remeter ao período da escravidão e às práticas de castigo, nas quais estava presente a raspagem do cabelo. Para muitas etnias às quais pertenciam os descendentes de africanos, o cabelo marcava identidade e dignidade. O tempo passou e a ancestralidade marcou e atribuiu novos contornos ao cabelo do negro. A esse respeito a autora explica que

o entendimento do significado e dos sentidos do cabelo crespo pode nos ajudar a compreender e desvelar as nuances do nosso sistema de classificação racial o qual, além de cromático, é estético e corpóreo. O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. (GOMES, 2003, p.8)

A mudança radical do estilo de cabelo, do tipo de penteado com o objetivo de camuflar o pertencimento étnico/racial pode ser comparada ao mesmo nível da relação entre democracia racial e conflitos étnicos/raciais no Brasil. Ou seja, é uma forma de dissimular as relações sociais, políticas, ideológicas e culturais em nossa sociedade. Por outro lado, essa mudança do estilo de cabelo e do penteado pode representar uma saída, uma possibilidade de reconhecimento das raízes africanas, para além da escravidão. Como afirma Nilma Lino Gomes

Os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos. São espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, nos ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. (GOMES, 2003, p.9)

Assim, o cabelo crespo que constitui uma unidade identitária com o corpo negro, é visto como um sinal indelével da ancestralidade da diáspora africana que possibilita a construção positiva da identidade negra.

A cultura inibe ou exalta marcas presentes nas pessoas em qualquer tempo e lugar. O sono, a fome, a fadiga do corpo, o sexo são motivações biológicas classificadas pelo olhar da cultura. Dessa maneira, temos no corpo a junção e a sobreposição do mundo das representações, da natureza e da materialidade coexistindo simultaneamente e separadamente.

Para Nilma Lino Gomes,

as diferentes crenças e sentimentos, que constituem o fundamento da vida social, são aplicadas ao corpo. As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido da infância. (2002, p.41)

Os estudos realizados pela autora, revelaram trajetórias de mulheres negras cuja infância é marcada pelas relações difíceis, doídas e pouco prazerosas entre as crianças e a manipulação de seus cabelos crespos. Muitas falam sobre o tempo e o número de familiares envolvidos nessa *lida*, outras comparam com a infância nos dias de hoje e as facilidades de usar vários tipos de produto e de cabelo. O regaste da ancestralidade negra implica no rompimento de representações negativas acerca do cabelo crespo:

Essa prática explicita a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas, mesmo que estas se apresentem enfeitadas. Essas situações ilustram a estreita relação entre o negro, o cabelo e a identidade negra (GOMES, 2002, p.44)

Nas pesquisas relatadas no terceiro artigo são destacadas as relações entre escola, cabelos crespos e corpos negros e aí se define que durante a trajetória escolar as crianças recebem as mais diferentes denominações, apelidos e toda a forma de preconceito e discriminação racial diante de seu corpo negro. Decorrente dessas experiências estão a busca desenfreada por um cabelo e um corpo que se assemelhe àquele aceito na escola: o padrão estético branco.

Em uma das entrevistas realizadas pela pesquisadora foi possível reconhecer a potencialidade da reversão das representações acerca do corpo negro e do cabelo crespo, pelas mulheres negras que hoje se intitulam *cabeleireiras étnicas*. Neste sentido o que era um lugar inferior e visto como negativo é apropriado por essas mulheres negras.

4. CONCLUSÕES

A escola é retratada por Nilma Lino Gomes enquanto um espaço que se aprende valores, crenças, hábitos, preconceitos raciais, de gênero, de classe e de

idade. Mas também pode ser vista como um espaço para a desconstruções dessas representações negativas.

A autora acredita na educação como processo de humanização que deve incorporar e incluir os processos educativos não- escolares, essa relação deve ser feita entre homens e mulheres negras e educadores e educadoras, onde os esses devem exercitar o exercício de olhar e do ouvir os relatos sobre as trajetórias desses homens e mulheres negras na escola. Nessa relação percebo a antropologia guiando a autora no que diz respeito do “olhar e ouvir” essas trajetórias de vida. Bem como , entende que a articulação entre a educação e a antropologia pode trazer novas luzes sobre os estudos das relações raciais na escola.

Por fim, estudar e conhecer a autora, através de seus trabalhos foi vital para meus estudos em antropologia. É muito importante e de grande impacto numa sociedade embranquecida, como a brasileira, ver figurar com profundidade, tenência e amplitude uma mulher negra que estuda e aprofunda os saberes étnicoraciais.

Espero, com o avanço dos estudos no Brasil e no mundo, que nós, mulheres negras e homens negros não sejamos mais narrados, olhados e revelados exclusivamente pelos olhos dos colonizadores ou daqueles que pensam ter construído solitariamente a história de todos. Assim como Nilma Lino Gomes afirma e confirma em suas pesquisas a ancestralidade é parte da nossa formação e da nossa militância vivida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNPQ. **Busca textual**, Acessado em 30 jun. 2015 . Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4728281P2>

GOMES, N.L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa** (USP), São Paulo, v. 29, n.1, p. 167-182, 2003.

GOMES, N.L. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; **Gênero e Movimentos Sociais**, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2003.

GOMES, N.L Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou resignificação cultural?. In: **Reunião Anual da ANPEd**, 2002, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2002. p. 1-12.